



## 8. Eixos viários

### 8.1 Os dados históricos e arqueológicos

---

Em primeiro lugar, com a investigação no terreno, ao mesmo tempo que eram relocados os sítios arqueológicos, começou a verificar-se a existência de inúmeros troços de vias de sulcos que passavam junto dessas estações e que poderiam fazer parte de vias romanas.

Após o levantamento de todos esses troços, de que apenas alguns estão no Catálogo das Estações, mas que foram todos assinalados nas cartas topográficas, procedeu-se à elaboração do traçado das suas trajectórias, como se pode ver na Fig. 5. Os troços a cheio (vermelho e preto) correspondem a troços identificados no terreno e o tracejado, ao seu provável desenvolvimento. Para mais fácil referência atribuíram-se códigos numéricos a cada um dos traçados assinalados nas suas pontas e letras para identificar as variantes à estrada principal.

Para fazer o contraponto entre traçados de vias e sítios arqueológicos (qualquer que seja a sua natureza) as Figs. 4 e 5 permitem obter uma visão de conjunto de todos os dados compulsados.

Assim definiu-se a Via 1 (Fig. 5, VI), de sul para norte, com atravessamento do Tejo em Amieira, provinda de *Augusta Emerita*, passando por Envendos, Vale da Mua, Freixoeiro, Cardigos, Ponte dos Três Concelhos, Serra da Longra, Sertã, Pedrógão Pequeno e Pedrógão Grande, em direcção a Conimbriga. Em todos estes locais há evidência de estações arqueológicas, quer sejam romanas ou anteriores. A seguir à Amieira temos a estação romana de A Tapada (136), no Vale da Mua, as estações romana e tardo-romana de Vale Bom (123) e Casal (122), mais à frente passava em A Moradeira (115), estação tardo-romana, na base do castro do Bronze Final de Castelo do Santo (120), subia a Cardigos ao Chão do Pião (111), passava a Casas da Ribeira (109) onde se achou uma inscrição romana inédita, direita à Ponte dos Três Concelhos (034) (Fig. 35-16); antes da ponte e do lado direito existem também vestígios romanos (em frente da Portela dos Colos) (108) e um pouco mais para a direita temos a Chaveira (107).

Em segundo lugar, iremos analisar um dos traçados melhor documentados com documentos medievais, na área em estudo e que constitui um divertículo à via referida anteriormente.

Fruto das investigações levadas a cabo pelo autor e por Filomena Gaspar, na área dos concelhos de Vila de Rei e Sertã, através da realização de levantamentos arqueológicos, consumados posteriormente em monografias arqueológicas (Batata, 1998, p. 37-54; Batata et al., 2000a, p. 17-23, 70-79), viriam a ser localizados vários vestígios que apontavam para a existência de uma via romana. A consulta da bibliografia disponível para a área e a leitura de alguns documentos medievais mais reforçaram essa ideia, que neste trabalho se procura substanciar.

Não se pode falar de vias ao estilo clássico, pavimentadas com lajes. É, antes de mais, uma via de sulcos escavados na rocha, com um ou outro local lajeado, onde a progressão era mais difícil.

O que existe de mais palpável são duas estradas antigas, cuja memória e vestígios no terreno estão a desaparecer quase totalmente. Ambas são referidas por quase todos os autores que ao concelho de Vila de Rei dedicaram poucas ou muitas páginas. Na totalidade dos casos,

limitaram-se a citar os seus antecessores, sem terem feito uma pesquisa mais apurada, para as poder destringir no meio dos silvados ou sob o alcatrão dos tempos modernos. Sem a prospecção no terreno não seria possível delinear a plausibilidade das suas trajectórias, nem localizar algumas estações arqueológicas que, sendo de época romana, nos dão quase a certeza do seu trajecto.

O primeiro e principal documento que nos fala destas duas estradas e da Ponte dos Três Concelhos é a Doação da *Guidimtesta*, de 1194, em que o rei D. Sancho I doa à Ordem do Hospital, depois Malta e finalmente do Crato, um território para nele edificarem o Castelo de Belver (Azevedo, 1979, p. 73). Dos seus limites interessa-nos o ocidental, porque foi efectuado a partir de uma estrada que já existia certamente. Essa estrada não era mais do que uma via romana que vinda de *Emerita Augusta*, atravessava o rio Tejo na Amieira, passava inicialmente a nordeste de Amêndoa por Cardigos, Ponte dos Três Concelhos, ia à Sertã (onde o autor localizou recentemente vestígios romanos (A Comarca da Sertã, 1997a, p. 6), Pedrógão Pequeno, Pedrógão Grande e se dirigia a *Conimbriga* (Fig. 5, VI). Mas a estrada de que os documentos falam, desviava da VI, depois de passar o Tejo e dirigia-se à Ponte dos Três Concelhos, passando pelo lado esquerdo da principal, servindo de delimitação ao concelho de Gavião, passava à provável aldeia romana de Vale do Grou, Castelo Velho do Caratão, Castelo e Amêndoa (VIb).

Essa estrada marcou o limite oriental do futuro concelho de Vila de Rei, a quem D. Dinis deu foral em 1285. Começava ele no cruzamento da estrada que vai para Mação, passava possivelmente no Chão de Lopes Pequeno, Fonte da Amêndoa (as fontes eram muito importantes para os romanos), Amêndoa, capela de Santa Madalena, Tinfaneiros, Várzea, Algar, Portela dos Colos, Colos e Ponte dos Três Concelhos.

Ao longo desta estrada existem vários vestígios romanos (e até mesmo anteriores), que nos apontam para a forte probabilidade de ela ser de origem romana, se não mesmo anterior. Assim, a estrada passava ao longo de dois castros: Amêndoa (117), com vestígios do Bronze Final e Idade Média e São Miguel (116), com ocupação da Idade do Ferro (?) e época romana e visigótica, distantes 1 km um do outro, mas à beira da estrada, do lado esquerdo. Do lado direito, temos uma *villa* ou *mutatio* romana com mosaicos (118) (Pereira, 1970a, p. 321-323), na base do castro de São Miguel.

Ao longo da estrada, mas do lado esquerdo (concelho de Vila de Rei) temos ainda o Monte de São João (061) e Poço Caldeiro (060), de época tardo-romana ou visigótica, embora inicialmente a tivéssemos considerado de época medieval ou moderna (Batata et al., 2000, p. 81-83).

No sentido nordeste-sudoeste passava uma outra estrada (V2), referida na Doação da *Guidimtesta*, que viria de *Igaeditania* (Idanha-a-Velha), passava a Castelo Branco, Cardigos, Várzeas, Vila de Rei, Foz do Codes, Porto de Caíns (rio Zêzere), Bairrada, Poço Redondo, Paixinha e *Seilium* (Tomar). No Porto de Caíns, para além da direcção para Tomar, ela tomava a direcção de Conimbriga, passando ao lado de Ferreira do Zêzere, num troço fazendo parte da V3. Limitava o Termo de Ceras, doado por D. Afonso Henriques aos Templários, em 1159, pelo lado oriental (Batata et al., 1991a, p. 45-47). Os Templários e a Ordem de Cristo colocaram aí marcos divisórios, numa situação semelhante à estrada da Doação da *Guidimtesta*.

O troço entre o Porto de Caíns e Tomar encontra-se mais ou menos delimitado (Batata, 1997a, p. 96, 98), bem como o que atravessa o concelho de Vila de Rei. A região de Cardigos apresenta estações romanas, situadas ao longo desta via que cruzava com a VIb em Várzeas e Ribeira do Bostelim. Junto de Várzeas existe ainda a Fonte Santa, que talvez se possa associar a uma fonte referida num destes documentos e situada naquela área.

Se bem que não existam vestígios arqueológicos detectados ao longo dela, a sua origem romana é altamente provável. Também é provável a variante apontada por Vasco Mantas

(1992, p. 44), que ao referir-se à estrada de Mérida a Conimbriga, a faz passar não por Sertã mas por Amêndoa, Vila de Rei, Alcamim, Martinelo (Ferreira do Zêzere), local donde é originário um fragmento de miliário, na sua opinião. Poderia fazer parte de uma via que faria o seu atravessamento não na Amieira mas sim em Belver (V4). Apenas está bem comprovado no terreno o troço entre Belver e Mação, onde existem as estações romanas de Quinta do Ribeiro da Nata (255) e São Marcos do Rosmaninhal (146). Esta estrada poderia ter uma outra variante no atravessamento do Tejo (V4a), entre Alvega e Ortiga, indo depois ligar à V4 um pouco antes da Amêndoa. A sul do Tejo, na zona de Alvega, ela está bem comprovada, não só pela orografia do terreno (facilidade de atravessamento), como pelo microtopónimo Termo, sendo ainda por aí que se faz a extrema dos concelhos de Abrantes e do Gavião.

Outro documento que reforça a existência da via V1b é a Doação da Azafa (Vila Velha do Ródão) (Saa, 1967, p. 158), datado de 1199. Com efeito, o seu limite ocidental vinha pelo rio Ocreza, Ribeira da Pracana, Ribeiro do Bostelim, até ao cruzamento das estradas romanas (Mourisca e Romana) e no nosso mapa, V1b e V2, Fonte do Carvalho (a Fonte Santa de Várzeas), depois pela estrada romana, até ao “*recede mourisco*” (calçada romana que Mário Saa ainda viu em 1967) (Saa, 1967, p. 163), junto à Ponte dos Três Concelhos.

Para finalizar este subcapítulo, importante se torna apresentar o texto original da Doação da *Guidimtesta*, na parte referente ao limite ocidental, e a sua interpretação à luz do que foi dito anteriormente. Diz assim: “(...) *et inde ascendit ad rostrum de Bando Maiore et exinde ad caput de Amendoa ad uiam mouriscam directe ad Vzezar ad portum de Thomalia (...)*”

Tradução livre: (...) sobe ao cimo do Bando Maior, daí à cabeça de Amêndoa, daí à estrada mourisca que vai direita ao Zêzere, daí ao porto da Tamolha (...).

O Bando Maior é fácil de localizar, bem como a Cabeça da Amêndoa que mais não é que o afloramento rochoso situado sobre a vila de Amêndoa; o porto da Tamolha é a passagem na Ponte dos Três Concelhos sobre a ribeira da Isna; como a Tamolha é afluente da Isna e está a cerca de 4 km a norte, esta confusão é natural e muito frequente na Idade Média, e ainda por cima, num território recentemente conquistado aos mouros. A via mourisca (V2) que ia para o Zêzere (Porto de Caíns) situava-se entre Amêndoa e a ponte, ou seja, cruzava esta via romana, em Várzeas.

Em suma, o concelho de Vila de Rei seria limitado a oriente pela via V1b e atravessado por uma outra via transversal (V2) que permitiria o acesso a Tomar e a Conimbriga, pelo Porto de Caíns e de forma mais directa, desviando à saída de Vila de Rei e passando pela passagem natural, ladeando a serra da Seada a Vila de Rei e passando pelas localidades de Vale Velido e Alcamim, atravessando o Zêzere para o Martinelo (V4).

Importa realçar que estes caminhos e passagens do Zêzere só se poderiam efectuar na época estival, pois eram passagens de vau ou de barca. Como se compreende, tal empresa deveria ser difícil no Inverno, devido à força das águas que no Zêzere correm em vale encaixado. A única passagem possível, no Inverno, seria a Ponte Romana do Cabril (017), situada entre Pedrógão Pequeno e Pedrógão Grande, pois era a única ponte existente no Zêzere desde a Covilhã até à sua foz, como nos refere o pároco de Vila de Rei, em 1758 (Félix, 1968, p. 672). A que lá está actualmente é filipina mas perto existem os contrafortes de uma outra mais antiga (Fig. 35-15) já referida nos inícios do século XV (Farinha, 1930, p. 142) e essa sim, deveria ser romana.

Em 1285, quando D. Dinis deu foral a Vila de Rei, já o futuro concelho era delimitado a leste pela estrada romana e a norte, pela ribeira da Isna; a sul, o limite fez-se naturalmente pela ribeira de Codes, que nasce na serra do Bando Maior, um dos pontos referidos na Doação da Guidintesta. A oeste, para além do Zêzere, englobava parte do concelho de Ferreira do Zêzere.

Prosseguindo de sul para norte chegamos à Sertã. Algumas notícias dispersas davam conta de terem aparecido na Sertã alguns vestígios romanos (Júnior, 1910, p. 5 e 18).

Em finais de 1996, seriam detectados na zona da Mata Velha (024), *imbrices*, tégulas, tijoleiras, escória de ferro e fragmentos de granito. No quintal de uma vivenda (50 m a sul) encontravam-se cerca de 10 tambores de coluna em granito, de diversos diâmetros, um capitel com dois toros (Fig. 35-18) igual aos que se estão a encontrar nas escavações arqueológicas de *Ammaia*, e grande quantidade de tégulas e *imbrices*. Estes materiais apareceram em 1975, quando se procedia à construção da vivenda.

A reduzida área escavada revelou a existência do lastro de um muro romano, constituído por granito e seixos da ribeira. Perto, para oriente, apareceram os vestígios de um forno romano.

De qualquer das formas a área de dispersão dos vestígios não é muito vasta, o que põe de lado a hipótese de se tratar de uma *villa*.

Também no Castelo da Sertã (023), com ocupação comprovada desde a Época Omíada, apareceu uma única tégula, cuja tipologia difere das encontradas na Mata Velha.

Faz sentido que na Sertã existisse uma estrutura tipo *mansio* ou *mutatio*, pois a passagem de uma importante via romana pela Sertã assim o exigiria. O próprio nome Sertã é evolução fonética do nome SARTAGO, atestado em documentos medievais do século XIII, no genitivo SARTAGINE. Ora SARTAGO é um nome mais que provável para um sítio romano, tendo evoluído durante a época moderna e contemporânea para SARTÃ.

É provável que a Sertã fosse conhecida durante o Império romano, com o nome de SARTAGO.

Prosseguindo a viagem para noroeste, a via passaria por Serra de São Domingos, Casal Novo e Pedrógão Pequeno, até chegarmos à passagem do Zêzere, o único lugar com ponte de cantaria, desde o Fundão até à sua foz.

O primeiro documento que refere a existência de uma ponte anterior à que lá existe (construída em tempo dos Filipes) data do século XV (Farinha, 1930, p. 143). Trata-se de uma questão havida entre os moradores da Sertã e os de Pedrógão Grande sobre quem deveria “adubar” a ponte que ao tempo deveria estar já muito danificada. Os seus restos foram fotografados há alguns anos atrás quando foi despejada a albufeira da Barragem da Bouçã (Fig. 35-15). Actualmente encontra-se a 7 m abaixo da superfície da água. A análise da fotografia mostra tratar-se de uma ponte construída em silhares de granito. Provavelmente teria dois arcos com um pilar no meio do rio.

O mapa mais antigo de Portugal, de Fernando Álvaro Seco (1560), também assinala uma ponte entre Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno. No século XVII, talvez por ruína da ponte romana, houve necessidade de construir uma outra (de três arcos) que ainda lá existe.

O trânsito que se processava entre a Beira Baixa e a Beira Litoral tinha que se fazer obrigatoriamente por esta ponte, pois era a única que permitia a passagem de Verão e de Inverno. Nas épocas estivais a passagem do Zêzere era possível noutros locais.

Para a ponte romana do Zêzere confluíam a estrada romana que vimos analisando e a estrada da Covilhã, também referida na Doação da Azafa, mas que não consta do nosso inventário, por não se encontrar rastreada no terreno. Os seus vestígios são observáveis à saída de Pedrógão Pequeno e Vale da Galega, subindo provavelmente à Serra de Alvelos, em direcção ao Mosteiro (013). Daí poderia sair um ramal para sudoeste (V8), passando na Sertã, e fazendo parte da VIC, inflectindo depois para a passagem no Castro de Dornes (097) em direcção a *Seilium*. Poderia também continuar a sua trajectória, mais ou menos rectilínea, passando o Zêzere entre a Foz da Isna e a foz da Ribeira da Sertã. Infelizmente, não foi possível verificar o seu traçado no terreno, razão pela qual se faz a sua omissão no mapa das vias.

A região de Pedrógão Pequeno/Pedrógão Grande é notável pela sua arqueologia. De períodos recuados, possui, de ambos os lados do Zêzere, em frente um do outro, dois povoados do Bronze Final — Nossa Senhora da Confiança (015) e Nossa Senhora dos Milagres (036). O primeiro teve ocupação provável também na I Idade do Ferro; o segundo teve ocupação ininterrupta até à época romana. O primeiro deve ter tido um pequeno templo romano no seu topo — inscrição à Deusa Nábia) (015) e aparecimento de uma base de coluna e um fuste numa povoação perto).

Do lado de Pedrógão Grande existe um forno romano (037) e no centro da Vila aparecem vestígios romanos na Devesa (038). Se a isto aliarmos outras informações documentais, como a doação de Pedrógão Grande a cruzados franceses logo em 1125, teremos razões bastantes para afirmar que a passagem de uma via neste local é altamente provável, embora não apareça referida em nenhum dos autores clássicos latinos.

A servir a ponte, encontra-se uma calçada de pedra miúda de granito, construída provavelmente na altura da ponte filipina e que esteve ao serviço rodoviário até 1954, altura em que foi construída a Barragem do Cabril e por aí se passou a processar todo o trânsito. Actualmente, faz-se pelo IC 8, cuja ponte atravessa o Zêzere na mesma zona.

Por entre as voltinhas e paredões da estrada filipina, alcandoradas nas íngremes encostas do Zêzere, ainda hoje se notam alguns lajeados ao estilo romano e alguns troços de estrada desactivados que bem poderão ser romanos. A existência de estradas de sulcos, de ambos os lados, corrobora fortemente a presença de uma via romana.

No troço entre a Ponte dos Três Concelhos e a Serra da Longra, onde a Doação da Azafa refere a existência dos *paradineiros veteres* que parecem corresponder aos vestígios romanos da Longra (033), a prospecção efectuada no terreno revelou sulcos em toda a sua extensão em cerca de 4 km.

Na Serra da Longra, havia um ramal que ligava à via da Covilhã (VIa). Por ser uma estrada de montanha, os seus vestígios são numerosos e bem conservados (Fig. 34-13 e 14); assim, na Castanheira Cimeira, para além da inscrição romana que ali se achou (019), existia há poucos anos um troço de estrada com os sulcos dos carros bem marcados. Encontra-se hoje alcatroada. No topo da Serra do Cabeço Rainho, para além da toponímia denunciadora da sua antiguidade (Besteiros, p.e.), existe um troço desactivado que conserva os rodados dos carros (022). Na descida para Oleiros existe outro troço bem conservado (008). Ligaria com a via da Covilhã perto de Oleiros, e passaria no local onde foram gravados vários MM num curioso fenómeno geológico (Fig. 35-20) e que a lenda mistificou.

Da Sertã, poderia sair um divertículo em direcção a Conimbriga, passando pelo Castro de Santa Maria Madalena (028) e Almegue, passando a vau o Zêzere para a Foz do Alge e daí para Conimbriga. Porém, é possível que não se trate de um divertículo, mas sim de uma via que ligasse directamente Conimbriga a *Ammaia* (VIc). Da Sertã para oriente, identificámos um troço perto de Proença-a-Nova, mas daí para a frente não estão localizados. A via poderia passar nas faldas sul da Serra das Talhadas (Foz do Cobrão), onde existem várias explorações aluvionares, passaria o Tejo a sul das Portas de Ródão e daí poderia ir a Nisa e Marvão, onde são imensas as estações romanas.

A norte falta-nos ainda referir a V6 e a V7. A V6 viria provavelmente de Castelo Branco para Coimbra e apenas foram detectados sulcos em volta do Estreito, com continuação do outro lado do Zêzere, já no concelho de Pampilhosa da Serra. Ao lado encontra-se uma via (divertículo V6a) com o mesmo sentido, com estrada de sulcos e moedas republicanas (005). Apesar de estar hipoteticamente ligado ao divertículo VIa, pode ser um cruzamento de vias, pois não foi verificada a sua continuação no sentido da Idanha e de Castelo Branco.

A V7 encontra-se mal estudada. Trata-se de uma via de fecho, que passa ao lado de uma exploração mineira romana (042) e faz extrema entre concelhos. Foram reconhecidos alguns quilómetros de estrada de sulcos, sendo esta bem visível na fotografia aérea, mas não fazemos ideia de onde vem nem para onde vai. Só mais investigação de terreno permitirá obter esses esclarecimentos.

Mouriscas, com a sua notável concentração de estações arqueológicas, era também um importante centro de eixos rodoviários. Constituía um dos importantes pontos de passagem do Tejo, através de uma via que vinha do Alentejo e passava o Tejo em Alvega ou na Senhora da Guia, um pouco mais a ocidente (V3 e V10) e se dirigia por Sardoal e S. Domingos para Conimbriga. Para norte, seguia um ramal (V5a) por Lercas, Saramaga e Serra, indo juntar-se à V4a um pouco a sul da Amêndoa. Foi verificada a sua existência entre Lercas e Serra, onde os sulcos são profundos e constituem a extrema oriental do concelho do Sardoal. À saída das Mouriscas (lado norte) também se podem observar os profundos sulcos da estrada.

Em sentido oeste-este, Mouriscas era atravessada por uma via que vinha ao longo da margem norte do Tejo (V10) e que recebia por altura do Tramagal a V5, atestada por inúmeras estações arqueológicas e, chegada a Mouriscas, virava a nordeste em direcção ao Penhascoso. Neste troço foi verificada a sua existência através de profundos sulcos e pela existência de uma ponte com “ar” bastante antigo. Actualmente foi “adubada” com betão, encontrando-se bastante desfigurada. De Penhascoso para a frente não temos certeza do seu traçado, mas a direcção que leva a V5 (Castelo Branco e Idanha), poderia passar pelo Vale do Grou (Mação), atravessando a Ribeira da Pracana na Ladeira de Envendos, subiria a São Pedro do Esteval e atravessaria o rio Ocreza, possivelmente perto da Cerca do Castelo (057), para Marmoral, onde os vestígios de uma via associada a vestígios romanos são nítidos (102). Passaria a Serra das Talhadas na Portela da Milhariça, rumando daí a Castelo Branco.

Em Mouriscas passaria uma outra via de sentido sudeste-noroeste. Seria a mesma via que vinha do Alentejo e que passaria o Tejo em Alvega e na Senhora da Guia (V3). Em Mouriscas, seguia pela Senhora da Graça (com calçada que pode ser romana e com abundantes vestígios) (172 e 173), passaria aos Valhascos, Sardoal, havendo a partir daí, várias possibilidades ou vários caminhos. Uma via que passaria no Codes (Porto de Caíns, rio Zêzere), passando por Carvalhal até São Domingos ou então por Andreus até São Domingos. A partir daí a V3 seria comum até ao Codes. Neste troço foi verificada a sua existência através de sulcos de estrada cavada nos terraços fluviais. A outra possibilidade, não confirmada no terreno, poderia ser Carvalhal, Carril, Ferraria, passando o Zêzere para o Alqueidão e ligando à via referida no Termo de Ceras, em direcção a Conimbriga.

Em São Domingos haveria um outro ramal que se dirigia para nordeste (V3b), atravessando a ribeira de Codes na Amieira, passaria em Milreu, cruzaria com a V4 um pouco a sul da Amêndoa e iria depois ligar à V2. A sua confirmação entre São Domingos, travessia da Ribeira de Codes, até Milreu, não deixa dúvidas quanto ao seu traçado. Daí para a frente o traçado é conjectural.

Na travessia do Tejo haveria ainda mais uma passagem que se fazia em diversos pontos junto a Abrantes. Vinda do Alentejo, cruzaria na Quinta da Baeta, subia a Abrantes pela Rua da Barca e Rua Grande, passaria na base do Castelo de Abrantes (222); outro ramal passava na base do castelo por oriente, entroncando na anterior e depois dirigiam-se para norte por Sentieiras e Carvalhal (V3a), dando à esquerda para a passagem do Porto de Caíns (V3) e para Conimbriga e à direita na estrada anteriormente referida (V3b). Havia uma outra variante que seria no Pego, atravessando para o Bom Sucesso, passando por Casais de Revelhos, entroncando na anterior em Sentieiras.

A via romana a sul do Tejo e marginando este, foi reconhecida neste trabalho desde o Carvalhal (Constância) até à Barragem da Represa (V9). Verificou-se que, no Tramagal, passava o Tejo na Barca de Rio de Moinhos, dando acesso aos viajantes que vinham de Santarém à V5 mais a sul, ou à V2, mais pelo norte, mas com os mesmos destinos, ou seja, Castelo Branco e Idanha. Mais a oriente, à saída da Barragem da Represa, divergia para a passagem do Tejo em Belver (V4), passando depois a Vilar da Mó, Envendos, e Ladeira de Envendos, ligando-se à V5. Este troço não foi reconhecido no terreno nem representado cartograficamente, mas a plausibilidade da sua existência é grande. A V9, seguindo em frente, viria juntar-se à V4 e dirigiam-se em traçado comum ao Alentejo.

As vias V10 e V9 não diferem, no essencial, de traçados propostos por outros investigadores como Mário Saa ou Vasco Mantas (2002, p. 109).

Pelo meio, ficam-nos outros troços de estradas detectados em pequenas extensões e que não houve possibilidade de desenvolver, dadas as características desta tese e da sua limitação temporal. Fica-nos alguma frustração, por não se poder completar o seu estudo, mas temos consciência plena que o seu estudo completo é um trabalho de anos e só por si justificava a elaboração não de uma tese de mestrado mas sim uma de doutoramento, tal é a vastidão da área e o grande número de vias que representam enormes potenciais de investigação.

## 8.2 Os miliários

---

Com efeito, a zona não é fértil em achados desta natureza. A metade norte da zona em estudo não revelou qualquer pista sobre eles, apesar de existirem potenciais vias romanas. A metade sul apresenta alguns vestígios, todos fragmentos e anepígrafos.

Já foi referida a existência de um fragmento de miliário, referido por Vasco Mantas e que foi achado no Martinelo (1992, p. 44), no local de uma provável via, ou ramal que de sul se dirigia a Conimbriga (V4).

Em Mouriscas, junto da necrópole visigótica que assentava sobre estruturas romanas (197), foi achada a base quadrangular de um miliário ainda com arranque do fuste que se encontrava quebrado perto da base (Fig. 35-22). A base tem 65 x 65 cm de lado e 40 cm de altura e o fuste 45 de diâmetro.

Cerca de 1,5 km a noroeste, junto do Casal da Sra. da Graça (172), onde existem várias calçadas que poderão ser romanas, e que constitui um cruzamento de vias, existem fustes que não parecem de colunas, mas sim de miliários, com cerca de 35 cm de diâmetro. Um deles jaz deitado dentro dum palheiro (Fig. 35-21) e outros fragmentados encontram-se ainda em posição vertical à entrada da estação e na beira do cruzamento de vias.

No Monte Galego (Alvega) existe também um marco redondo com cerca de 40 cm de diâmetro conhecido por “marcão” e “polícia”, que se encontra no local de uma possível via (V3) e a distância das Mouriscas que poderia estar dentro da milha romana. Este fragmento de miliário não se encontra catalogado.

No Vale do Grou (Mação), a Dra. Maria Amélia Horta Pereira recolheu no Museu de Mação uma “base de coluna” que parece ser a base de um miliário, pois apresenta uma base quadrangular e o arranque de um fuste. O local do achado não surpreende, pois o local é um cruzamento de vias (V1b e V5) que está associado uma provável aldeia romana (Fig.35-23).



### 8.3 Associação com estações arqueológicas e tesouros monetários

---

A definição dos principais eixos viários fez-se tendo em conta, na maior parte dos casos, a existência de sulcos antigos que definiam direcções para eles. Estão nesta situação todas as vias detectadas em toda a área com excepção dos concelhos de Constância e Abrantes e a metade sul do do Sardoal. Com efeito, nesta área, a detecção de vias é mais difícil por duas ordens de razões:

- em primeiro lugar trata-se de uma zona onde predominam os terraços fluviais, o que à partida torna mais difícil a “gravação” dos rodados dos carros, no material de base;
- em segundo lugar, trata-se de uma área mais urbanizada, especialmente a área de Abrantes até ao Sardoal, onde a via passa frequentemente no meio de várias aldeias e dentro da própria Vila: com os caminhos arranjados e muitas vezes alcatroados é muito difícil obter, na maior parte dos casos, registos desta natureza.

Poder-se-á perguntar o que é que nasceu primeiro: se a via, se a estação arqueológica ou se as duas ao mesmo tempo. Por nosso lado, inclinamo-nos para que seja a via a ter aparecido primeiro, desenvolvendo-se depois o povoamento ao longo delas. Verifica-se, pelas Figs. 4 e 5, que o povoamento se concentra ao longo das vias e que as áreas onde não existem são espaços praticamente vazios do ponto de vista arqueológico. Já se tinha verificado a mesma situação para a relação entre eixos viários e explorações mineiras (cf. capítulo sobre Explorações Mineiras).

As principais vias aqui referidas parecem, na prática e no terreno, estabelecer ligações entre os povoados do Bronze Final. Clarificando um pouco, parece que os povoados se instalaram à beira de caminhos pré-existentes. Aparentemente, a excepção parece ser os povoados que se instalaram junto do rio Zêzere, e mesmo assim, com a possibilidade de esses caminhos fazerem a travessia do rio junto dos mesmos.

Na Idade do Ferro, o panorama não parece ser muito diferente: em primeiro lugar, estes povoados são, com algumas excepções, os mesmos que tiveram ocupação no Bronze Final e, em segundo lugar, parecem ser os mesmos caminhos ou vias que passam junto deles.

Na época romana, é evidente a associação de estações romanas com a passagem de vias. Como viria a ser depois, em períodos pós-romanos: as vias medievais e o próprio povoamento não se desviaram destas antigas vias, senão nos últimos séculos, com a construção das estradas de macadame primeiro, as alcatroadas depois e finalmente as grandes vias betuminadas.

Também é evidente a ligação dos tesouros monetários com as vias. Em dois casos foi possível associar tesouros republicanos com as vias de sulcos V6 e V6a (Fig. 5). No caso da V4, o tesouro permite associá-lo à via, embora não directamente, por se encontrar dentro da Vila do Gavião. O tesouro da Cerca do Castelo está também nestas condições: provavelmente passaria por aí uma via, mas a sua associação só é possível fazer-se com o povoado fortificado.

Outros três tesouros, desta vez do Baixo Império, estão perfeitamente associados a vias, cuja passagem nos é dada mais pelo povoamento romano que pela existência física de rodados, dado se situar numa das tais zonas muito urbanizadas e cultivadas que fizeram desaparecer a maior parte dos vestígios (V3, V9 e V5).

Do vasto leque de estações, vale a pena referir algumas estações arqueológicas que, por estarem situadas em cruzamento de vias, se parecem ter desenvolvido substancialmente. O *vicus* da Pedreira, de dimensões mais modestas, estaria situado no cruzamento das vias V10 e VII, não sendo de excluir a hipótese de ter existido um ramal de via, cruzando o Tejo, de Santa Margarida da Coutada (Carvalhal) para a Pedreira.

O *vicus* de Mouriscas, com a sua enorme dimensão, importância e elevado número de estações arqueológicas, está no centro de um grande número de vias que o atravessavam em várias direcções. A existência de, pelo menos, uma via balizada por marcos miliários atesta ainda a sua grande importância. Naturalmente que da sua grande importância não se podem excluir factores económicos, dado o local onde está situado.

Para não falar de outros exemplos semelhantes, resta referir a aldeia romana de Vale do Grou, com um razoável número de estações concentradas, que se parece ter desenvolvido a partir de uma concentração de vias, neste caso, as vias V5 e V1b. Tal como as Mouriscas, parece ter existido aqui um miliário, embora não se tenham encontrado outros ao longo das referidas vias.